

As festividades de São Pedro e São Paulo e as confluências religiosas entre o terreiro e a Paróquia, no bairro do Guamá, de Belém, Pará

The festivities of São Pedro and São Paulo and the religious confluences between the terreiro and the Parish, in the Guamá neighborhood of Belém, Pará

Dhafne Fabiana de Oliveira Braga
Universidade do Estado do Pará – UEPA
Belém/PA -Brasil

Maria Roseli Sousa Santos
Universidade do Estado do Pará – UEPA
Belém/PA -Brasil

RESUMO

O estudo apresenta a festividade de São Pedro e São Paulo que ocorre no bairro do Guamá, Belém do Pará, descrevendo confluências entre as celebrações do catolicismo e do tambor de mina. A ancoragem teórica está assentada nas linguagens e simbolismo religioso, destacando autores como: Damatta, Croato, Maués, Peter Burke e Durkheim. Tem como objetivo pesquisar as duas festividades, por meio da etnografia e caracterizar suas práticas religiosas em confluência. A metodologia priorizou a abordagem qualitativa, com participação nos eventos, observação direta e entrevista. Os resultados mostram que os ritos festivos praticados nas festas dos santos mencionados, envolvem moradores do bairro e de toda a cidade, expondo o aspecto não só sincrético, mas também, a demonstração identitária de lutas e resistências; a ligação entre mito e rito, verdades de fé e verdades históricas.

Palavras-Chave: Sincretismo; Festa. Tambor de Mina; Santo.

ABSTRACT

The study discusses the festivities of São Pedro and São Paulo that take place in the neighborhood of Guamá, Belém do Pará, elucidating the confluences between the celebrations of Catholicism and the drum of mine. The theoretical anchor is based on languages and religious symbolism, highlighting authors such as: Damatta, Croatian, Maués, Peter Burke and Durkheim. The objective was to carry out studies about the two festivities; ethnography the festivities and characterize religious practices in confluence. The methodology prioritized the qualitative approach with ethnographic technique in participation in the events, direct observation and interview. The results show that in the festive rites practiced in the festivities of the aforementioned saints, they involve residents of the neighborhood and the whole city, showing the aspect not only syncretic, an identity demonstration of struggles and resistance; the connection between myth and rite, truths of faith and historical truths.

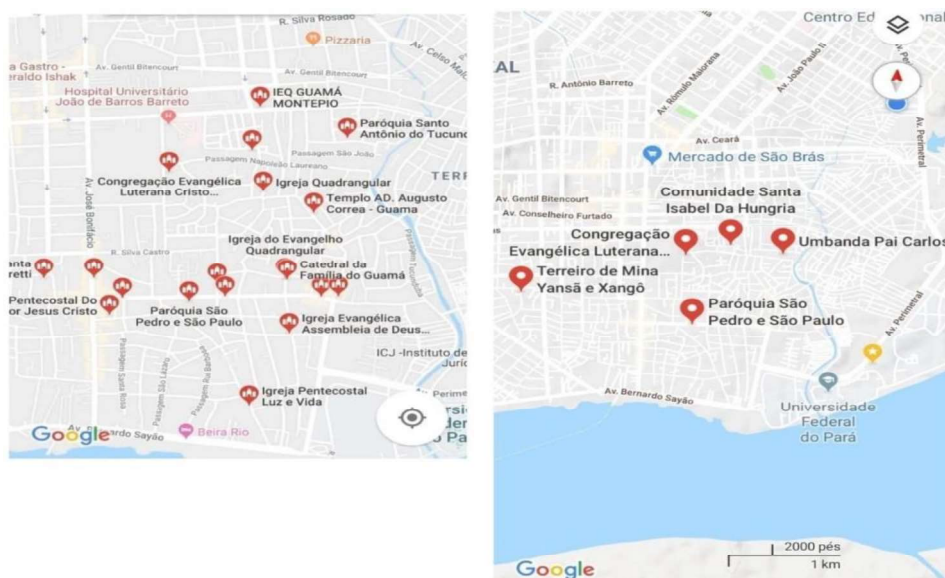
Key words: Syncretism; Party. Mine Drum; Sacred.

Introdução

A festividade da Paróquia São Pedro e São Paulo, assim como do Terreiro Dois Irmãos, no bairro do Guamá, na cidade de Belém é um conjunto de celebrações que ocorre todo final do mês de junho, e que mobiliza a comunidade da rua Pedreirinha e moradores de diferentes regiões da cidade de Belém. É uma festividade em honra aos santos que a nomeiam. Culturalmente, esse período é conhecido como a quadra junina e os apóstolos Pedro e Paulo são homenageados, nesse período, tanto pela Igreja Católica quanto pelo Terreiro de Mina Dois Irmãos e por isso ganharam o título de ‘santos juninos’. A motivação inicial deste estudo surge com o trabalho realizado por volta de 2017/2018, como bolsista nos estudos do Projeto de Iniciação Científica, realizado pela instituição CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) e, coordenado pela professora doutora Maria Roseli S. Santos. A pesquisa tinha como tema “*As raízes do paganismo Greco romano presentes no Catolicismo atual: um estudo em uma comunidade paroquiana de Belém PA*”, que também, prosseguiu para o trabalho de conclusão de Curso e, ainda, por estudos articulados ao Grupo de Pesquisa Arte, Religião e Memória, certificado pelo Diretório do Conselho Nacional de Pesquisa – CNPq e pela Universidade do Estado do Pará- UEPA.

As festividades em honra a São Pedro e São Paulo são, amplamente, conhecidas dentro e fora do bairro do Guamá, e ocorrem, geralmente, na última semana do mês de junho. O bairro do Guamá se expressa como um território de “confluência religiosa”, onde se encontram vários espaços sagrados de diferentes denominações religiosas, como podemos visualizar na imagem do Google *maps* abaixo.

Imagem 1 – Mapa do Bairro do Guamá – locação das representações religiosas



Fonte: <https://www.google.com/maps/place/> . Acessado 22/12/2018

A imagem disposta acima aponta inúmeras igrejas e terreiros nas imediações do *locus* de estudo, e indica que, o bairro do Guamá tem uma diversidade de representações religiosas cristãs, umbandistas e do candomblé.

Os métodos e processos empregados no estudo, além das teorias que tratam do fenômeno religioso em questão, deram suporte à pesquisa de campo, a partir da dinâmica da festividade no referido bairro. Para tanto, aplicou-se o uso de técnicas etnográficas, incluindo a elaboração dos roteiros e instrumentos de entrevistas. Em seguida, fez-se a abordagem inicial junto à comunidade envolvida na festividade, com observação direta e com registro em diário de campo. A produção dos dados, a partir do mergulho em campo, gerou material que permitiu, mais adiante, a análise das anotações do diário de campo e das imagens geradas no local. Todo material escrito, advindo das entrevistas, transcrevem os discursos dos fiéis, os quais foram analisados com base na problemática em estudo, indicando sentidos e imagens que os moradores possuem sobre a festividade e sobre as confluências religiosas entre as práticas do terreiro e da paróquia.

Não houve pretensão em destacar ampla etnografia nos espaços religiosos em questão, até porque, a pesquisa inicial, como foi mencionada anteriormente, centrou-se nos campos do paganismo e cristianismo. Porém, os estudos indicaram em seus resultados, o impacto das confluências entre o terreiro e a paróquia, e foi este recorte da festividade, que trouxemos neste artigo. Diante das análises das entrevistas e dos demais dados produzidos na terceira etapa deste estudo, foi possível elaborarmos um quadro temático, com base no roteiro das mesmas, por onde identificou-se as unidades de sentido à problemática da pesquisa. E pela via etnográfica registrou-se as vivências, que foram realizadas no período da festividade junto à comunidade.

As festas religiosas e o corpo sagrado-profano

Como nosso estudo está centrado nas festas religiosas é importante aprofundar esta questão, e de início, trazemos a contribuição do sociólogo Émile Durkheim (1996), que nos sinaliza que, as festas religiosas se caracterizam como períodos determinados, em que todas as ocupações profanas são retiradas. Ele afirma que, a vida religiosa e não religiosa, não podem coexistir no mesmo espaço de tempo. Sendo assim, para melhor vivenciar experiências religiosas, o homem deveria estar disperso de atividades cotidianas. O autor concebe que não existe religião, que não estabeleça tal paralisação de atividades rotineiras como o trabalho, por exemplo.

Sobre a relação entre o sagrado e o profano das festas religiosas, Peter Burke (1986), assinala um breve desligamento das atividades profanas de subsistência, para uma dedicação integral às obrigações sagradas, aos cultos divinos. Em consonância a Burke sobre o aspecto religioso e profano, Oliveira (2007), nos diz que toda festa irá corresponder a um tempo-espaço especial e extraordinário, pois elas aparecem como separações entre a vida profana e a vida religiosa, pois a ideia primordial do conceito de festa é que as vidas religiosas e profanas não conseguem coexistir, como afirma Durkheim (1996), podemos então, conceber que, para esses autores, as festas religiosas atuam com um tempo particular.

Mesmo que estejamos tratando de um tempo “concebido” em separado das ocupações profanas, é comum observar-se a interseção entre o que é dito sagrado e o dito profano, pois, comumente, essa característica é vista como a principal ideia de festa religiosa. Um outro olhar sobre o binômio sagrado-profano observado nas festividades religiosas, nos faz compreender a relação entre a cerimônia e a festividade, como afirma Damatta (1986). Para ele, a cerimônia seria o culto em si e até realizações de rituais, ao passo que, a festividade, condiz com demonstração de alegria, porém, não sendo considerada profana, uma vez que é voltada para o sagrado.

As contribuições dos teóricos sobre as festas religiosas, nos mostram se tratar de um movimento coletivo, um tipo de êxtase religioso. No tocante, às festividades de uma comunidade, podem ter diversas motivações. Uma delas é a social, em que o indivíduo pode desprender-se de sua condição social e assumir outra identidade social e econômica, o que corresponde ao conceito de *communitas* de Turner (2005). Na busca de compreensão das simbologias subjacentes aos diversos rituais, Turner (2005), contribui significativamente, no entendimento acerca das práticas rituais, a partir da noção de liminaridade, que remete aos momentos que margeiam os ritos de passagens, vividos como processo transitório de “morte social”, momento em que os sujeitos se destituem de suas posições anteriores, e a partir dela, renascem e se reinserem aos esquemas da estrutura social. Esse deslocamento indica o conceito de *communitas*, posto que, se envolvem coletivamente, em movimentação dialética, pelas referidas práticas.

Aqui, destacamos que, para a cultura afro-brasileira, a literatura disponível mostra que os ritos e a festa, não só se constituem como elementos ligados às reminiscências africanas, com o intuito somente de preservação das crenças, ancestralidade e religiosidades, mas, também, de posição contrária ao preconceito, à violência e a perseguição de várias naturezas. Essa é a marcação da diáspora presente e forçada no espaço brasileiro.

A festa dos negros é lugar privilegiado de resistência coletivizada e em grande parte, são manifestações culturais erigidas no processo histórico da colonização do nosso território,

pelo sincretismo que mescla símbolos e sentimentalidades, articuladas entre as tradições africanas e católicas. A festa é espaço privilegiado de luta e ludo, lugar do brincar e seguir a vida em ritualidades.

O Antropólogo Heraldo Maués (1995), estudioso sobre o aspecto lúdico das festas religiosas populares, destaca essas questões como um momento, altamente, lúdico na vida do praticante. De acordo com Maués (1995), as festas religiosas populares fogem à rotina da comunidade, pois se configura, como um momento extraordinário, que possui íntima ligação com passado, presente e futuro. As festas de santos populares, se fazem presentes em grande parte do território nortista, porém, como bem lembra o antropólogo, fora da capital paraense, estas festas contam com uma frágil ligação com o catolicismo oficial.

É importante salientar que as festas populares amazônicas são construídas, em boa parte, sincréticas, cujos elementos simbólicos são nítidos como corpo histórico que traduz a demonstração identitária de lutas e resistências; de alegria que sucede o rito sagrado. Outra marcante característica desse fenômeno é a ligação que percebemos entre mito e rito, verdades de fé e verdades históricas.

E, considerando a festa objeto em estudo, reforçamos o sentido assinalado por Santos (2014), como um elemento unificador, que aparece em momentos-chaves da história da comunidade, além de haver nas festas o sentido de renovação identitária, manutenção ou atualização daquela tradição cultural. A autora também assinala um forte sentimento de pertencimento por parte dos fiéis, participantes daquela ação ritual, manifestação religiosa e cultural. É possível que se destaque nas festas as características que Durkheim sucinta: a mobilização eufórica de toda uma sociedade e transgressão às normas coletivas, a distância entre a sociedade estratificada é superada, agregando-se também, a observação de um acontecimento extraordinário na vida da comunidade, possuindo um caráter de fato social total.

Tratamos, portanto, da “festa de santo” que, segundo afirma Maués em seu livro “Padres, Pajés, Santos e Festas: Catolicismo Popular e Controle Eclesiástico”, as narrativas de devoção podem não ser inteiramente, esclarecedoras ao pesquisador, que não procure analisar o imaginário festivo mergulhando na realidade local. Maués (1995), ainda esclarece que, as festas populares de santos, podem ser modestas, mas elas ainda sim, revelam a verdade mítica e transpõem a cultura de uma sociedade.

A história brasileira evidencia que, a relação inicial entre o catolicismo e religiões africanas, foi de imposição cultural e, entende-se que o processo sincrético é compreendido como “significação”, realizado pelos escravos, que davam um novo significado para um mesmo ritual ou santo católico. Esse ato era realizado, brilhantemente, por eles para que

continuassem professando a fé nos seus deuses e para que o significado herdado de seus antepassados não fosse perdido (MODESTO, 2017). E então, encontramos nos espaços afro-religiosos, na Umbanda ou mesmo na Mina, alguns símbolos católicos, como os santos católicos que consistem na representação das divindades africanas.

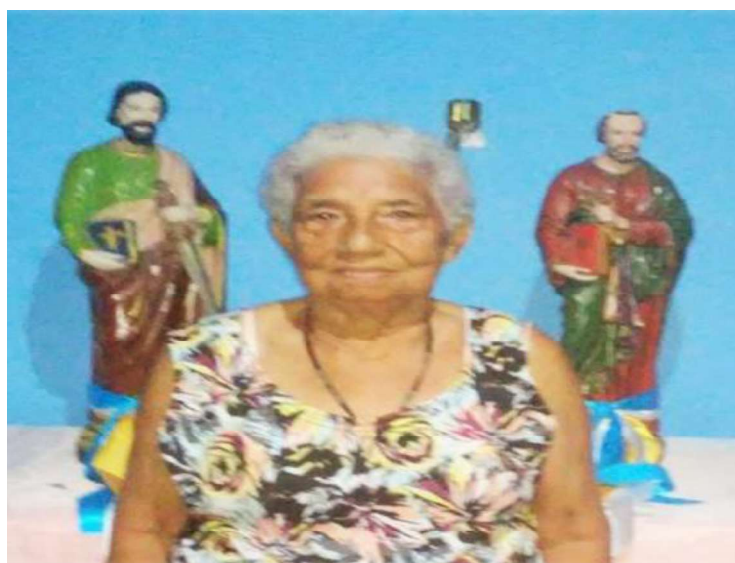
Segundo Modesto (2017), no Terreiro de Mina “Dois Irmãos”, que fica na passagem Pedreirinha, no bairro do Guamá, há uma diversidade de santos católicos e estes correspondem às seguintes divindades:

São Benedito é o Vodunso (vodunso é a mesma denominação que orixá no Candomblé) Toya Verequete (linhagem do Vodunso Xangô); Santa Maria é a Vodunsa (vodunsa é a mesma denominação de yebá no Candomblé) Yemanjá; Santa Bárbara é a Vodunsa Yansã; São José é o Vodunso Dom José Rei Floriano (linhagem do Vodunso Xangô) ; Nossa Senhora da Conceição é a Vodunsa Oxum, etc. Segue abaixo, nas (Figuras 8 e 9) a imagem de dois santos, feitos de madeira, à esquerda é São Benedito e à direita é São José, esses foram trazidos por mãe Josina, do Maranhão, e atualmente encontram-se no altar dos santos, localizado no salão maior do terreiro “Dois Irmãos” (MODESTO, 2017, p.102).

A festa da rua Pedreirinha é organizada, anualmente, por uma família à frente a devota Senhora Elsa Correa. Para Modesto (2017), a origem da festa remonta a uma promessa para obter um emprego realizada por D. Elsa e a partir daí, mantém-se até os dias atuais.

Na preparação da festa existe uma etapa que envolve todos da comunidade; pessoas da família organizadora, vizinhos e amigos. Há momentos realizados nas casas dos moradores da passagem, que se envolvem na articulação dos encontros de organização da festa, assim como, na venda de produtos, coleta e realização de bingos entre os moradores. Ou seja, cria-se a viabilidade financeira para a estrutura da festa, já que toda festa de santo junino, é carregada de comidas e bebidas típicas.

Imagem 2: Dona Elsa em sua residência, na festividade de 2016



Fonte: Acervo de Modesto (2016)

A festa agrega um complexo de espaços que vai desde o espaço público, da rua propriamente, assim como o espaço das casas. O acolhimento das casas inclui comidas, como o mingau de milho e entre as bebidas, o destaque é o aluá, que é de origem afro-indígena. O aluá é feito tradicionalmente com a fermentação de grãos de milho, moídos em um pote de cerâmica, porém, numa variação de feitura com outros grãos e frutas. Além da produção de outros alimentos, que são dispostos para venda, isto, ocorre em meio a um processo maior de sociabilidade, que gera envolvimento e comprometimento.

Sentidos da Festividade: os Santos na Mina e na Paróquia

A etnografia realizada junto à comunidade de entorno da Paróquia de São Pedro e São Paulo e do Terreiro Dois Irmãos, no bairro do Guamá, iniciou a partir da participação nos eventos da Paróquia e foi significativa para compreender e descrever a dinâmica vivida pela comunidade em suas festividades e liturgias, e ainda ter a clareza, a partir da literatura histórica e de pesquisas já realizadas na comunidade, sobre a constituição das práticas dos dois campos de religiosidade e como elas se apresentam hoje.

Em pesquisa realizada no site “ipatrimônio.org”, vimos que o terreiro de Mina Dois irmãos, foi tombado pelo departamento de Patrimônio do Estado do Pará, em 12 de novembro de 2010. É importante destacar que, o Tambor de Mina chega a Belém, em meados do século XIX, como precursor da religião trazida pelo povo escravizado vindo do Daomé, República Popular de Benin. Abaixo a foto do prédio do terreiro de mina Dois Irmãos em 1890, e ao lado, foto atual (imagem 3 e 4).

Imagem 3 e 4 - Foto: Acervo da Secult-Pará



Fonte: <http://www.ipatrimonio.org/belem-terreiro-de-mina-dois-irmaos>

A terminologia Mina, segundo os pesquisadores Mochel; Frazão (2018), refere-se ao maior empório de escravos, na Costa do Ouro, que se tornou a referência de exportação de escravos para o Brasil.

As festividades da Pedreirinha consistem em inúmeras atividades, entre elas: ladainha, exposições de algumas quadrilhas de adultos, crianças e adolescentes (as “misses, as mulatas cheirosas”) e o casamento na roça. Também são comuns, os cordões juninos, destacando, especialmente, a apresentação do Boi Bumbá “Malhadinho do Guamá”, atualmente, sediado na passagem e coordenado pela família do senhor Raimundo Soares, suas filhas, genros e netos, além dos grupos de carimbó Sancari e Caldo de Turu, os quais, sempre que possível, se exibem na festa e ajudam em sua animação.

Já a Paróquia S. Pedro e S. Paulo é conhecida por se localizar na rua Barão de Igarapé Miri, a rua principal, e também por ser a única Igreja Católica do perímetro. Foi fundada em 1952, como extensão da Igreja dos Franciscanos Capuchos, que haviam se fixados na entrada do bairro, quando estes fundaram a Igreja dos Capuchinhos, em 1911.

Imagem 5 – Paróquia São Pedro e São Paulo (prédio novo)



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2018.

Abaixo, na figura 06, a imagem mais antiga da Paróquia, acervo de Dias Junior (2009), disponível em sua dissertação de mestrado, no Programa de Pós- Graduação em História Social da Amazônia, sobre cultura popular no Guamá.

Figura 06 – Foto do antigo prédio da Paróquia São Pedro e São Paulo, Foto Hélio Santos -1999



Fonte; Acervo de Dias Junior (2009)

A paróquia está situada em uma área de periferia da cidade de Belém, no Estado do Pará, na rua Barão de Igarapé Mirim, no bairro do Guamá. Conforme DIAS; RAMOS; LIMA (2014, p. 5), narram em sua pesquisa sobre dinâmicas territoriais religiosas, a “Arquidiocese de Belém é composta por inúmeras paróquias e, dentro destas, o Pároco tem a incumbência de gerir as variadas tarefas que surgem, tanto na Paróquia, como nas Pastorais”. Eles discorrem que no caso específico da Paróquia São Pedro e São Paulo, essa hierarquia ocorre considerando que, o Papa Bento XVI nomeou em 2009, o arcebispo de Belém, Dom Alberto Taveira, e este designou em 2012, ao Pe. Antônio de Pádua Rodrigues da Silva, a responsabilidade de administrar a paróquia. No texto, os autores mencionam que o pároco descreve como o território da igreja se desenvolveu:

A Igreja se desenvolve ao longo das vias principais do bairro, como a Bernardo Sayão, Augusto Corrêa, e a própria Barão de Igarapé Mirim, e a crescente evangelização da comunidade próxima ao Tucunduba (importante área que envolve o bairro do Guamá e da Terra Firme) criou mais uma entidade religiosa (Santo Antônio de Tucunduba) para auxiliar nesse controle sobre a expansão e manutenção de fiéis (DIAS; RAMOS; LIMA, 2014, p.7).

Assim como a preocupação com o sentido territorial religioso, percebido no texto destacado acima, Dias; Ramos; Lima, (2014, p. 7) ressaltam que, as religiões praticam territorialidades e usam também dos símbolos de forma material (como estátuas de santos) ou imaterial (festas e práticas religiosas). Os autores mencionados afirmam que, desta forma, os símbolos “demarcam o local como sagrado e/ou pertencente à determinada crença”.

Em junho de 2018, já entrando o período da noite, presenciei a celebração da missa da festividade de São Pedro e São Paulo, presidida pelo Monsenhor Raimundo Possedônio. Nesse encontro, observou-se a predominância feminina, e um público de diversas faixas etárias, além de algumas famílias. Porém, a maior parte que encontrei, são senhoras de idade (faixa

etária de 50 a 80 anos). Em um determinado momento, observo grandes velas brancas, posicionadas na mesa do altar e ao lado, a liturgia do Evangelho, discorrendo sobre uma luz divina representada no fogo, presente no altar. Neste momento, durante a homilia, o que se ouve é a “demonização” dos bens materiais, ou seja, não ter apego às coisas mundanas e se atentar mais à luz divina do Senhor - ser luz para poder testemunhar a luz maior Deus.

A observação da preparação e realização da missa, permite ver como nos diz Santos (2014, p. 195), que “todas as ações rituais, diretamente, inspiradas por uma vontade de se religar ao divino, são a expressão prática de uma experiência religiosa e os lugares onde esta se realiza”. São informações do campo, que nos faz perceber que há um laço de fé, que se estabelece na vivência entre os fiéis. O mesmo sentimento se pode perceber, das práticas festivas, quando todos se reúnem em prol da festa e articulam entre si, todas as atividades a serem vividas. São as missas, as novenas, as procissões, um conjunto de cerimônias que corporificam a fé nos santos.

Imagem 7: : Palco da Festividade da Paróquia São Pedro e São Paulo



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2018

Merece destaque a relação entre as celebrações, propriamente, religiosas e as de natureza festivas, que, tanto Durkheim, como alguns outros teóricos, como Croatto, Damatta e Maués costumam assinalar que, a gênese das festas religiosas é a fuga do ordinário, da rotina, sendo dedicada ao sagrado. Neste sentido, a instância profana contida nas festas é anulada quando a mesma é dedicada ao sagrado. Por essa finalidade, vemos o culto em primeiro lugar, antecedendo a demonstração de alegria dos fiéis, celebrando o sagrado.

Um outro aspecto etnográfico que destacamos, foi a participação dos moradores, na realização da novena em honra a São Pedro e São Paulo, vivida durante a semana, mais

especificamente, na quinta-feira, dia 21/06, na paróquia. Nesse momento, realiza-se o primeiro rito da festividade dos santos juninos, às 18h, por meio da novena em honra a esses santos.

Olhando o ambiente, pude descrever, novamente, como um espaço grande; traços da arquitetura barroca e arte regional. A iluminação é natural através de várias portas e janelas. Assim como, a predominância feminina, da terceira idade, com participação ativa no clero. Isso demonstra que, se trata de um rito mais fechado, aos devotos dos respectivos santos. Diante das imagens dos santos padroeiros, a novena acontece envolvendo toda a comunidade, voltada ao celebrante, membro da organização paroquial, aparentemente mais jovem.

Nesta cena, vejo-me diante de uma celebração e festividade, construída há muitas mãos, e como diz Santos (2014),

É possível afirmar que a simbologia da festa é a própria ritualística do lugar onde ela é vivida, celebrada. Portanto, a festa é compreendida [...] como espaço do sagrado; representação própria dele. [...] As grandes tradições religiosas remetem a uma dimensão teológica da festa que significa que há no corpus ritualístico a aproximação dos indivíduos que os faz “suscitar assim um estado de efervescência, algumas vezes mesmo em delírio, que não é sem parentesco com o estado religioso” (SANTOS, 2014, p.198).

A festividade emana do envolvimento de todos e é movida pela fé, pela alegria, pela coletividade. E ao lado da festividade católica, no mesmo bairro e no horário seguinte, ocorre a festividade de São Pedro e São Paulo, no Terreiro Dois Irmãos, na rua Pedreirinha.

Segundo Dias Junior (2009, p.71) “algumas festas do Guamá eram comemoradas em templos distintos, sendo festejadas na Igreja Católica e, ao mesmo tempo, nos batuques e terreiros existentes no bairro”. Há uma aproximação entre as duas festas, possível de se ver nas pesquisas já realizadas sobre a Paróquia S. Pedro e S. Paulo, e sobre a Festividade da Pedreirinha. Essa aproximação ou afastamento, de acordo com as pesquisas aqui referenciadas, ocorre dependendo, do perfil conservador ou não, do pároco que esteja à frente da celebração. Dias Jr. (2009), menciona que a Festa de São Pedro e São Paulo no Guamá, para além de sua expressividade religiosa, ganhava um caráter lúdico de festa e diversão.

Comemorações festivas, missas e novenas realizadas no final de junho, e ao mesmo tempo, comemorada na Rua Pedreirinha na casa de Dona Elza e sua família. Ali, a festa que iniciou como uma promessa em 1955 ganhou significado especial para Dona Elza e sua família, bem como para os diversos moradores da rua, que se mobilizam para garantir um festival de conagração entre os vizinhos e os demais integrantes da comunidade (DIAS JUNIOR, 2009, p. 75-76).

Sobre a relação entre os fieis da Paróquia e os frequentadores do terreiro que celebram e organizam a festividade, Dias Junior (2009), enfatiza uma aparente distância existente. Fato

registrado desde a ausência do representante da paróquia, quando da visita de um presidente do Pontifício Conselho para diálogo inter-religioso em Roma, o norte americano Dom Michael Fitzgerald, no terreiro da Mãe Lulu em 2005. Porém, Dona Elza relata sobre a ocorrência de que, algumas senhoras da paróquia, por falta de material, chegaram a pedir incenso para a celebração da missa. Nos aspectos pesquisados em nossas etnografias, fomos identificando que as aproximações vão se dando, a partir do próprio perfil dos sacerdotes de ambos os espaços religiosos, o que caracteriza uma espécie de sincretismo ‘pendular’. O que se torna interessante também, é perceber que os próprios fiéis, podem manter essa relação, participando das duas festividades sagradas.

Considerações finais

As confluências apontadas por esta pesquisa, especificamente, entre o catolicismo e o tambor de mina, no bairro estudado, se dão ao longo da festividade atendendo as necessidades em seus espaços específicos. Os eventos se mantêm, com suas particularidades, seja no terreiro de Mina ou na Paróquia São Pedro e São Paulo. Percebemos ainda que, os ciclos de festividades têm uma dinâmica própria, regulada por uma simbologia própria, seja no terreiro, seja na paróquia, marcando dessa forma, a relação, o cumprimento e agradecimento por alcances de graças. Isso tudo somente no período junino e suas dimensões lúdico-festivas.

Da mesma forma, a etnografia e o estudo das demais pesquisas sobre a comunidade, permitiram identificar um indício de outro aspecto das celebrações da paróquia que, expressa o sincretismo existente, ao se perceber que, uma parte dos fiéis, que frequentam a paróquia para a festividade dos santos, também frequenta a festividade dos mesmos santos, realizada pela comunidade do terreiro de mina.

Ao sinalizar os aspectos do catolicismo popular, Maués (1996) destaca que o fator marcante do catolicismo popular é o seu forte sincretismo. Isso é ratificado por Dias (2009), quando cita que, as festas na paróquia e no terreiro de mina, ocorrem em tempos distintos, assim, os fiéis podem ou não aproximar-se das festas do terreiro da Pedreirinha, assim como, da festa da igreja. Dias Junior (2009), nos aponta que já existem trabalhos que debatem, especificamente, esse sincretismo.

Essa existência, nos permite assinalar que, a própria mãe de santo do terreiro da Pedreirinha, costuma participar de missas e frequenta a paróquia com sua família, aprofundando esse possível sincretismo entre os locais de diferentes matrizes. Mais um exemplo dessa junção é contada por Dias Junior (2009), de quando incensos do Terreiro Dois Irmãos foram emprestados para a paróquia em 2005. Fato que, resultou em uma boa relação, que caminha, dependendo do perfil do celebrante oficial que comanda a Paróquia.

Referências

- BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna**, São Paulo, Companhia das Letras, 1989.
- CROATTO, José Severino. **As linguagens da Experiência Religiosa**. Editora Paulinas, 2001
- DIAS, Alan P. D.; RAMOS, Erick A. S.; LIMA, Afonso D. L. **Dinâmicas territoriais religiosas tendo como base as igrejas Filhos da Promessa e São Pedro e São Paulo na região metropolitana de Belém-PA**. Anais do VII Congresso de Geógrafos, Vitória, ES, 2014.
- DIAS JUNIOR, José do E. S. **Cultura Popular no Guamá**. Um estudo sobre o boi-bumbá e outras práticas culturais em um bairro de periferia de Belém. Dissertação (mestrado) Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Belém, 2009.
- DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- DAMATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.
- ELIADE, Micea. **Imagens e Símbolos: Ensaio sobre o simbolismo mágico- religioso**, São Paulo: WMF Martins Fontes, 1991.
- _____. **História das Crenças e das Ideias religiosas**. De guatama Buda a triunfo do cristianismo, Vol, 2. São Paulo, Editora Zaha, 1979.
- MAUÉS, Heraldo, **Padres, Pajés santos e festas: Catolicismo popular e controle eclesialístico: Um estudo antropológico numa área do interior da Amazônia**. Editora Cejup, 1995.
- MAUÉS, Heraldo. **Outra Amazônia: Os santos e o catolicismo popular**. Norte Ciência, vol. 2, n. 1, p. 1-26 (2011).
- MODESTO, Juliana Cordeiro. **Vozes intangíveis da Passagem Pedreirinha: memória e patrimônio no Bairro do Guamá, Belém do Pará / Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2017.**
- OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de. **Festas Populares Religiosas e suas dinâmicas espaciais**. In: Mercator/UFC, ano VI, nº 11. Fortaleza: UFC, 2007.
- MOCHEL, F e FRAZÃO, M. R. L. **O Festejo de São Benedito e a Salva do Divino Espírito Santo no Terreiro de Mina Ilê Amãhousú em São Luis, Estado do Maranhão** In: PEREIRA, A; ARAÚJO, L e ENOQUE, A. **Meu povo de Fé: olhares sobre a religiosidade popular no Brasil**, Ituiutaba, MG, Barlavento, 2018.
- SANTOS, M. R. S. **A festa como expressão do sagrado na ilha de Caratateua** . Revista Estudos Amazônicos • vol. XI, nº 2 (2014), pp. 190-209
- TURNER, Victor, [1967]). **Floresta dos símbolos: aspectos do ritual Ndembu**. Niterói: EdUFF, 2005.

SOBRE AS AUTORAS

Maria Roseli Sousa Santos - Doutora em Educação. Docente pesquisadora na área de saberes culturais. Poeta, líder do Grupo de Pesquisa Arte, Religião e Memória. E-mail: mroselisousa@uepa.br (<https://orcid.org/0000-0001-6368-5615>).

Dhafne Fabiana de Oliveira Braga - Graduada em Ciências da Religião (UEPA). Especialista em Educação Inclusiva e Libras. Membro do Grupo de Pesquisa Arte, Religião e Memória (<https://orcid.org/0000-0002-4784-373>).